



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisbon — PORTUGAL
Ind. teleg. *Batalha* — Lisboa • Telefone: ?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUEM MENTE?

Se não estivéssemos acostumados, pela força do hábito, a assistir neste país aos acontecimentos mais inverosímeis, como se fossem os mais naturais, surpreender-nos-ia a audácia com que pôrificamente — em nota oficiosa, para ter mais relevado — se veio desmentir uma autêntica informação que vários jornais publicaram relativamente ao estabelecimento da censura a três diários de Lisboa, assunto de que *A Batalha*, que é uma das gazetas alvejadas, se tem ocupado desenvolvidamente.

Atendendo, porém, a que vivemos num país em que a anormalidade é a regra, é preciso que os sucessos sejam muito extraordinários para que no nosso espírito produzam uma sensação de pavor, tal a assombrosa freqüência com que se assiste à prática dos actos mais incongruentes, que raro provocam hoje admiração, por serem tudo quanto há de mais corrento.

E que a falta de carácter é em tanto alto grau que o que ora causa estranheza é que existam ainda criaturas que possuam tamanha força moral que se não deixem subverter pela formidável onda de lama que invadiu esta sociedade, já corrompida até à medula.

E é talvez por o actual estado psíquico da maior parte da população portuguesa ser como vimos descrevendo que aquela nota oficiosa que há dias saiu da polícia de segurança do Estado, e com a qual se pretendem desmentir o que aqui expusemos, quase não impressionou o público. E todavia este compreendeu que foi ludibriado com semelhante desmentido, que a intragável exposição que fizemos no nosso número de quinta-feira anula inteiramente, e que os factos, por outro lado, se encarregam de reduzir a pó.

A polícia de segurança do Estado, vindo a público asseverar que não exerce a censura sobre alguns jornais de Lisboa, faltou lastimavelmente à verdade, e com semelhante atitude, em vez de nos colocar mal perante a opinião, procedeu desastradamente, dando uma triste nota da sua capacidade.

Mas não basta isto para provar que a citada polícia exerce a censura, embora arbitrariamente, sobre *A Batalha* e alguns outros jornais, não todos os que se publicam em Lisboa?

Quem manda buscar então, diariamente, por polícias, à oficina onde este jornal é impresso, um exemplar de *A Batalha*? Quem o le no governo civil e para que se le? E porque é que se procede igualmente para com outros jornais, que do mesmo modo não deixam imprimir enquanto no governo civil não são censurados?

Senhores: Não neguem a evidência dos factos, que isso não é decente! Persigam, censurem, apreendam, se isso lhes apraz, a imprensa, embora cometendo uma violência que faz mais mal às instituições do que aos jornais atingidos. Mas tenham a obrigatoriedade de assumir a responsabilidade de inteira dos seus actos, como fazem todos os homens briosos.

Não comprehendeu o autor da nota oficiosa que para que as suas expressões correspondessem à verdade teríamos nós mentido, e nessa tribuna há bastante nobreza para não esgrimir a calúnia como arma de combate, porque se pro-

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Uma nova lista de donativos publicamos hoje, de auxílio à *Batalha*, que mais uma vez vem comprovar que o operariado compreende a necessidade da existência do seu órgão na imprensa.

Assim, as provas de solidariedade sucedem-se e com certeza que essa solidariedade mais se intensificará à medida que as classes operárias forem reconhecendo as dificuldades com que vamos lutando. Não se tem elas negado a concorrer monetariamente, o que é motivo para nos animar no prosseguimento desta missão tan nobre como escabro.

Publicamos a seguir mais um lista:

Transporte.....	7.178\$15
Obra na quinta das Conchas ao Luminar.....	1\$65
Associação dos Manufactores de Calçado (cotização).....	24\$95
Abílio Graça Andrade.....	1\$00
Um amigo.....	1\$00
Abílio Paia (Coimbra).....	2\$50
Gilberto Ramos, Manuel Lial e Emanuel Ramos.....	\$60
Carlos Mota.....	1\$00
3 presos no Barreiro.....	2\$00
Récita em Torres Novas (saldo de auxílio para <i>A Batalha</i>).....	32\$85
Oliveira.....	\$63
Sindicato Único da Construção Civil.....	100\$00
Obra da Morgue (operários do Conselho Técnico).....	1\$45
Idem, idem.....	1\$20
C. A. A.....	1\$50
Récita no Barreiro (50% do saldo).....	32\$53
Quete em Azurara.....	1\$25
Cota semanal de 4 operários do Bombarral.....	2\$00
Farroviários do Sul e Sueste (cotização).....	80\$20
Associação dos Corticeiros do Barreiro (4 cotas).....	20\$00
Idem (quete).....	14\$75
José Rosita.....	3\$00
Quete em Odemira (Lista n.º 1).....	25\$00
José Rodrigues Reboredo.....	10\$00
Maximiano Pinheiro.....	\$20
Sindicato Metalúrgico do Porto (quete).....	9\$50
Sindicato Ferroviário (quete).....	7\$02
Associação dos Descarregadores de Mar e Terra.....	20\$00
Joaquim Tomé Lopes.....	2\$00
Ánônimo.....	\$18
Manuel S. Cuba.....	\$20
Manuel Trindade.....	\$50
Antero Fernandes.....	\$30
Grupo Nova Aurora E. N. Liquidação de contas, saldo em auxílio de <i>A Batalha</i>	1\$200
Quete entre os operários da Fábrica Grandela.....	9\$50
7 pintores a bordo do vapor <i>Apolo</i>	3\$50
Quete na oficina de Fiuza & Simões.....	5\$40
Quete na oficina Abel Límida.....	4\$00
Corticeiros da fábrica Seixas.....	6\$05
Soma.....	7.619\$56

Lista n.º 1. — Hermanegildo de Cast e e. Cruz, 1\$00; Ánônimo, 4\$21; Jacinto de Campos, 4\$0; Francisco Galhano, 2\$0; Francisco Manuel de Campos, 2\$0; M. Camacho, 2\$0; J. A. M., 2\$0; António Camacho, 1\$00; Martinho Duarte da Almeida, 1\$00; Marçalino do Sousa Barros, 2\$0; Francisco Paulino, 5\$00; Luiz da Cunha da Silva, 5\$00; Paiva Reis, 2\$00; da Souto, 1\$00; António Peixoto, 2\$00; Peixoto dos Soviéticos (Isidoro Correia), 5\$00; Pedro Joaquim Pinto, 2\$0; Lazarro Ferro, 2\$0; Joaquim Pinto da Silva, 2\$0; António Manuel da Silva, 2\$0; Francisco Efigênio, 5\$00; António de Matos, 2\$0; Francisco José Damião, 2\$0; António Francisco da Souza Barros, 14\$00; Manoel José da Cruz, 2\$0; João Carlos Fernandes, 2\$0; António Zácarias, 2\$0; Augusto José Domingos, 8\$0; José, 2\$0; José Marreiros, 2\$0; Manuel Maria Malhado, 2\$0; António Dímas, 2\$0; Domingos, 2\$0; Augusto Baptista, 2\$0; António Manuel, 2\$0; Hermenegildo da Costa e Cruz, 2\$0; Total 25\$00.

Reclamações corporativas

Condutores de carroças

Na sua reunião de ontem foi votada uma proposta da direcção, para que se peça aos proprietários o seguinte aumento de salário:

550\$00 para condutores de galeras, 4870\$00 para de carroças baixas e 4550\$00 para de carroças pequenas.

LONDRES, 25.—A revolta de Belast continuou durante todo o dia e noite de quinta feira e repetindo-se durante a noite de ontem. Diz-se que o número de combates se eleva a mais de todo o apoio moral.

Os combates travados durante o dia de ontem formaram dos mais ferozes. Descargas sobre, descargas se sucediam interrompendo, ora dadas pelos «sinn-feiners», ora pelas tropas, sendo extraordinariamente elevado o número de feridos, o qual se desconhece, com precisão. Um convento situado cerca da estação e utilizado como quartel pelas tropas, foi incendiado pelos revolucionários, que colocaram em torno do edifício numerosas latas de kerosíno (líquido inflamável semelhante à gasonila) derramando outras e lançando-lhe fogo. As chamas envolveram rapidamente o edifício que desapareceu por completo na voragem do incêndio. As religiosas tinham sido retiradas do convento, como precaução, em virtude da gravidade dos tumultos que há uma semana ocorrem na cidade.

Anuncia-se a chegada de carros de assalto para dispersar os revolucionários. A polícia alega que os «sinn-feiners» empregam balas explosivas, pois alguns dos agentes falecidos estavam gravemente mutilados. — Rádio.

A Polónia branca

Chama mais cinco classes para atacar os vermelhos

PARIS, 25.—Segundo uma informação de Varsóvia, publicada pelo *Tempo*, o conselho de Defesa Nacional continua a tomar medidas rigorosas a fim de reprimir a fronte de batalha. Um decreto aprovado pelo conselho respondeu ao assunto, foi resolvido que a partir do próximo dia 1 de Agosto, os seus salários sejam de 6\$50 e 7\$50.

15.000 metalúrgicos em greve

BILBAO, 25.—A greve que se declarou há dias, na qual existem 15.000 operários metalúrgicos, colher de surpresa os engenheiros dos altos fornos. Foram ocasionados graves prejuízos materiais, tendo trabalhado unicamente um reduzido número de operários. Foram atacados à saída a tiro pelos grevistas. O governador confia que este conflito seja solucionado rapidamente.

Rádio.

Numerosos combates na Irlanda

Os «sinn-feiners» incendeiam um convento que servia de quartel aos adversários

LONDRES, 25.—A revolta de Belast continuou durante todo o dia e noite de quinta feira e repetindo-se durante a noite de ontem. Diz-se que o número de combates se eleva a mais de todo o apoio moral.

Os combates travados durante o dia de ontem formaram dos mais ferozes. Descargas sobre, descargas se sucediam interrompendo, ora dadas pelos «sinn-feiners», ora pelas tropas, sendo extraordinariamente elevado o número de feridos, o qual se desconhece, com precisão. Um convento situado cerca da estação e utilizado como quartel pelas tropas, foi incendiado pelos revolucionários, que colocaram em torno do edifício numerosas latas de kerosíno (líquido inflamável semelhante à gasonila) derramando outras e lançando-lhe fogo. As chamas envolveram rapidamente o edifício que desapareceu por completo na voragem do incêndio. As religiosas tinham sido retiradas do convento, como precaução, em virtude da gravidade dos tumultos que há uma semana ocorrem na cidade.

Anuncia-se a chegada de carros de assalto para dispersar os revolucionários. A polícia alega que os «sinn-feiners» empregam balas explosivas, pois alguns dos agentes falecidos estavam gravemente mutilados. — Rádio.

15.000 metalúrgicos em greve

BILBAO, 25.—A greve que se declarou há dias, na qual existem 15.000 operários metalúrgicos, colher de surpresa os engenheiros dos altos fornos. Foram ocasionados graves prejuízos materiais, tendo trabalhado unicamente um reduzido número de operários. Foram atacados à saída a tiro pelos grevistas. O governador confia que este conflito seja solucionado rapidamente.

Rádio.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Condutores de carroças

Na sua reunião de ontem foi votada uma proposta da direcção, para que se peça aos proprietários o seguinte aumento de salário:

550\$00 para condutores de galeras, 4870\$00 para de carroças baixas e 4550\$00 para de carroças pequenas.

LONDRES, 25.—A revolta de Belast continuou durante todo o dia e noite de quinta feira e repetindo-se durante a noite de ontem. Diz-se que o número de combates se eleva a mais de todo o apoio moral.

Os combates travados durante o dia de ontem formaram dos mais ferozes. Descargas sobre, descargas se sucediam interrompendo, ora dadas pelos «sinn-feiners», ora pelas tropas, sendo extraordinariamente elevado o número de feridos, o qual se desconhece, com precisão. Um convento situado cerca da estação e utilizado como quartel pelas tropas, foi incendiado pelos revolucionários, que colocaram em torno do edifício numerosas latas de kerosíno (líquido inflamável semelhante à gasonila) derramando outras e lançando-lhe fogo. As chamas envolveram rapidamente o edifício que desapareceu por completo na voragem do incêndio. As religiosas tinham sido retiradas do convento, como precaução, em virtude da gravidade dos tumultos que há uma semana ocorrem na cidade.

Anuncia-se a chegada de carros de assalto para dispersar os revolucionários. A polícia alega que os «sinn-feiners» empregam balas explosivas, pois alguns dos agentes falecidos estavam gravemente mutilados. — Rádio.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Condutores de carroças

Na sua reunião de ontem foi votada uma proposta da direcção, para que se peça aos proprietários o seguinte aumento de salário:

550\$00 para condutores de galeras, 4870\$00 para de carroças baixas e 4550\$00 para de carroças pequenas.

LONDRES, 25.—A revolta de Belast continuou durante todo o dia e noite de quinta feira e repetindo-se durante a noite de ontem. Diz-se que o número de combates se eleva a mais de todo o apoio moral.

Os combates travados durante o dia de ontem formaram dos mais ferozes. Descargas sobre, descargas se sucediam interrompendo, ora dadas pelos «sinn-feiners», ora pelas tropas, sendo extraordinariamente elevado o número de feridos, o qual se desconhece, com precisão. Um convento situado cerca da estação e utilizado como quartel pelas tropas, foi incendiado pelos revolucionários, que colocaram em torno do edifício numerosas latas de kerosíno (líquido inflamável semelhante à gasonila) derramando outras e lançando-lhe fogo. As chamas envolveram rapidamente o edifício que desapareceu por completo na voragem do incêndio. As religiosas tinham sido retiradas do convento, como precaução, em virtude da gravidade dos tumultos que há uma semana ocorrem na cidade.

Anuncia-se a chegada de carros de assalto para dispersar os revolucionários. A polícia alega que os «sinn-feiners» empregam balas explosivas, pois alguns dos agentes falecidos estavam gravemente mutilados. — Rádio.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Condutores de carroças

Na sua reunião de ontem foi votada uma proposta da direcção, para que se peça aos proprietários o seguinte aumento de salário:

550\$00 para condutores de galeras, 4870\$00 para de carroças baixas e 4550\$00 para de carroças pequenas.

LONDRES, 25.—A revolta de Belast continuou durante todo o dia e noite de quinta feira e repetindo-se durante a noite de ontem. Diz-se que o número de combates se eleva a mais de todo o apoio moral.

Os combates travados durante o dia de ontem formaram dos mais ferozes. Descargas sobre, descargas se sucediam interrompendo, ora dadas pelos «sinn-feiners», ora pelas tropas, sendo extraordinariamente elevado o número de feridos, o qual se desconhece, com precisão. Um convento situado cerca da estação e utilizado como quartel pelas tropas, foi incendiado pelos revolucionários, que colocaram em torno do edifício numerosas latas de kerosíno (líquido inflamável semelhante à gasonila) derramando outras e lançando-lhe fogo. As chamas envolveram rapidamente o edifício que desapareceu por completo na voragem do incêndio. As religiosas tinham sido retiradas do convento, como precaução, em virtude da gravidade dos tumultos que há uma semana ocorrem na cidade.

Anuncia-se a chegada de carros de assalto para dispersar os revolucionários. A polícia alega que os «sinn-feiners» empregam balas explosivas, pois alguns dos agentes falecidos estavam gravemente mutilados. — Rádio.

CRÓNICA

OS POBRES

Nesta Lisboa, cidade catita e caixearia, refrescada de verdes subúrbios e tintamarra de coligaduras vistosas no azul do Tejo e no azul do céu, poucos são aqueles que, na baixa, ofegante da multidão, atentam na dor, naquela dor imensa, que orvalha de lágrimas os olhos dos miseráveis e parte em bocados, o coração dos pequeninos.

Quando na cutis fina do céu esmorecem as últimas rosas febris do poente, quando nas ruas, à noite de cende e afila suas mãos trágicas de sombra, entram de entreabrir-se bocas de manardas, escancaram-se bocas de valhacóis, e uma à uma entram de escamugir-se, delinhadas a carvão, pintadas a sangue, figuras que não falam, esculturas tañadas em dor, decepados em amargura, que atravessam as ruas aos tombos e aos tombos caminham e se afastam.

Teem gritos afixivos de sonho na máscara convulsa.

Marcham devagar, perpassam, ascendem e morrem com braçadas de naufragos na superfície da noite.

As sombras que fazem-se nas avenidas, o ar tem gelados de sepulturas e lá no alto o céu é carnaval, «mácaréme», que sinta confetes de estrelas, irizadas poalhas que crepitam em jactos de via-lactea. E a lua, quarto minguante, a lua, é como a mascaração clínica de um Pierrot que espreite a arredo.

Os pobres sobreem, treparam ravinados calvários de amargura, membros torturados como figueiras de deserto e mãos tortas, diformes, pedaços de dor amarrados aos braços. Mãos convidadas que veem para mim e me abram, mãos, grandes mãos de Rodin, que apalpam a noite e revelam o mistério.

Um é cego, fecharam-lhe as palpebras ao nascer. Mas a alma é aurora dos mentes, onde ramos de sonho goiteiam cheirinhos de branca flor; outro tropégo, peregrino, que veio pela terra demandando a estrada da eternidade, tem coração humilde como as pedras do caminho que os outros gastam ao passar. São torrente. São os que sofrerem e confessam que não podem mais.

Emergem no alto da calçada, arrependidos pelo vento descendem, e os seus mantos, arminhos de trapos, fluíam em grandes tânticas de iluminados.

Enlascadas duas sombras veem aí, ele não vê e julga-bela, com um barbudo diadema de cobre e ouro nos cabelos; e ela, que não sabe, crê amar uns poetas, a alada que o eterno clarão do mistério cegou para todo o sempre. Se se extraisse dos seus corações a dor da saia dos blocos, correria às torrentes.

A sombra amontoa-se em caligens, põe crêpes nos marmores das estátuas, carbunclos na epidéme dos lagos.

Nesta Lisboa, cidade catita e caixearia, refrescada de verdes subúrbios e tintamarra de coligaduras vistosas no azul do Tejo e no azul do céu, poucos são aqueles que, na baixa, ofegante da multidão, atentam na dor, naquela dor imensa, que orvalha de lágrimas os olhos dos miseráveis e parte em bocados, o coração dos pequeninos.

Quando na cutis fina do céu esmorecem as últimas rosas febris do poente, quando nas ruas, à noite de cende e afila suas mãos trágicas de sombra, entram de entreabrir-se bocas de manardas, escancaram-se bocas de valhacóis, e uma à uma entram de escamugir-se, delinhadas a carvão, pintadas a sangue, figuras que não falam, esculturas tañadas em dor, decepados em amargura, que atravessam as ruas aos tombos e aos tombos caminham e se afastam.

Teem gritos afixivos de sonho na máscara convulsa.

Marcham devagar, perpassam, ascendem e morrem com braçadas de naufragos na superfície da noite.

As sombras que fazem-se nas avenidas, o ar tem gelados de sepulturas e lá no alto o céu é carnaval, «mácaréme», que sinta confetes de estrelas, irizadas poalhas que crepitam em jactos de via-lactea. E a lua, quarto minguante, a lua, é como a mascaração clínica de um Pierrot que espreite a arredo.

Os pobres sobreem, treparam ravinados calvários de amargura, membros torturados como figueiras de deserto e mãos tortas, diformes, pedaços de dor amarrados aos braços. Mãos convidadas que veem para mim e me abram, mãos, grandes mãos de Rodin, que apalpam a noite e revelam o mistério.

Um é cego, fecharam-lhe as palpebras ao nascer. Mas a alma é aurora dos mentes, onde ramos de sonho goiteiam cheirinhos de branca flor; outro tropégo, peregrino, que veio pela terra demandando a estrada da eternidade, tem coração humilde como as pedras do caminho que os outros gastam ao passar. São torrente. São os que sofrerem e confessam que não podem mais.

Emergem no alto da calçada, arrependidos pelo vento descendem, e os seus mantos, arminhos de trapos, fluíam em grandes tânticas de iluminados.

Enlascadas duas sombras veem aí, ele não vê e julga-bela, com um barbudo diadema de cobre e ouro nos cabelos; e ela, que não sabe, crê amar uns poetas, a alada que o eterno clarão do mistério cegou para todo o sempre. Se se extraisse dos seus corações a dor da saia dos blocos, correria às torrentes.

A sombra amontoa-se em caligens, põe crêpes nos marmores das estátuas, carbunclos na epidéme dos lagos.

Artur PORTELA

AS GREVES

Pessoal da Imprensa Nacional

A comissão de melhoramentos prossegue nas suas demarques, efectuando-se hoje, às 22 horas, a reunião conjunta entre o presidente do ministério, o diretor da Imprensa e a comissão delegada do pessoal. Este acompanha com vivo interesse e entusiasmo a marcha do movimento, mostrando-se disposto a não ceder a soluções que afetem a sua honra.

Pessoal da Casa da Moeda

Recebemos a seguinte comunicação: «Mantém-se este movimento sempre com a mesma energia.

Camaradas, não desanimes porque o vosso Comité espera que com as demarques que a vossa comissão hoje vai efectuar o nosso movimento seja solucionado. Portanto, é a hora da justiça que se aproxima.

Viva a nossa Batalha! Viva a greve do pessoal da Casa da Moeda. — O Comité.

Cháuffeurs

Reuniram, às 15 horas, os cháuffeurs de camion, nomeando uma comissão para hoje entrevistar os industriais de transportes de camion.

A's 20 horas, reuniu a classe em conjunto apreciando a marcha do movimento e tomado resoluções, vendo com satisfação que o movimento, no que diz respeito aos cháuffeurs de automóveis, está em véspera de solução, pois que adesões constantemente chegam.

Foi aberta a quete para o cofre de solidariedade, e a quete para o jornal A Batalha.

Hoje irá uma comissão entrevistar o director da Companhia de Carruagens Lisboenses e os proprietários de autos de praça na sua associação.

Hoje reúnem às 17 horas os cháuffeurs de praça e aluguer, e às 20 horas a classe em conjunto, sendo de grande utilidade que todos compareçam.

O comité ao ter conhecimento que os cháuffeurs da casa Alpha, do Porto, se tinham declarado em greve, resolveu saudá-los entusiasmaticamente.

NO PORTO

A dos sapateiros agrava-se. — Voltam, de novo, a greve geral —

Conflitos. — Os metalúrgicos, ramo de ferro, estão firmes e em vésperas de uma vitória

PORTO, 24. — A greve dos sapateiros, que parecia ir declinando para uma solução honrosa, tornando-se parcial, agrava-se novamente. Verificou-se que alguns operários, pouco zelosos no cumprimento dos seus deveres de solidariedade, se aproveitavam do cartão de identidade passado pelo sindicato, a fim de trabalharem, quer nas oficinas sindicais, quer nas casas que cederam as reclamações, para executarem as obras pelo preço antigo, contra o determinado pelas reuniões da classe. E alguns, fugindo ao compromisso, pretendiam recusar-se à cedência do escudo por salário, para auxílio dos seus colegas, conforme o resolvido. E certo que o número destes maus colegas não era muito avultado; mas como era um mau precedente, e poderia influir

no bom caminho do movimento grevista, em reunião magna os manufaturadores de calçado deliberaram, após uma vivissima discussão entre os partidários da greve geral e os que queriam que ela continuasse parcial, que a classe voltasse à primeira fase da luta, abandonando todos as oficinas. Como a classe é numerosíssima, também não foi possível centralizá-la em oficinas dirigidas pelo sindicato, tornando-se quase impossível a conveniente fiscalização, motivo porque optaram pela volta à greve geral.

Num automóvel da Cruz Vermelha foi conduzida ao hospital de São José onde recebeu curativo o bêbado que tentou derrubar a estrada no Aljube da cidade do Porto, ele foi conservado em custódia até 18 de Março que mesmo ano. Tudo isto se fez sem haver contra ele culpa formada e, portanto, contra expressa disposição da lei. Entregou ao hospital de São José, sem pronúncia de que possam gravar, embora pronunciados provisoriamente, o que tem servido apenas para os reter sem fiança na cadeia e sem terem podido começar a defender-se. O que é que os demais que se acham na estrada?

Deontem entrou no quarto particular nº 2 do hospital de São José, o conhecido corredor Inocêncio Pinto, de 32 anos, residente em Moscavide, que tendo ido ontem treinar-se no Stadium, ao Campo Grande, quando ali, próximo de um decíve observava a massa de uma moto de um outro corredor, esta desviou-se do caminho que devia seguir e veio colhê-lo, fracturando-lhe a perna direita pelo terço inferior.

José Ferreira, de 20 anos, solteiro, pedreiro, residente na rua Maria Pia, 224, conservava em sua casa, como recordação de seu falecido pai, Henrique Ferreira, uma espingarda antiga de carregar pela colarita onde há tempo havia metido uma porção de pólvora e chumbo.

Ontem, sem se lembrar que ainda não havia tirado a carga, colocou a mão direita a tapar a boca do cano do gatilho, disparando-se a arma, que lhe fez um grande ferimento.

Conduzido num automóvel da Cruz Vermelha ao hospital de São José, foi no banco operado pelos drs. srs. Durão e Abel de Carvalho dando em seguida entrada na enfermaria de Santo António.

— Manuel Ramos de 20 anos, motociclista, residente na rua Santa Bárbara, 23, 2º, encontrava-se ontem com a mota para alugar na Praça de Camões quando dois indivíduos ao tomaram lugar na sidaç, para os transportar ao Campo Grande.

Saindo do seu posto o Ramos devido a qualquer desarranjo súbito no motor, não fôde a tempo desviar-se de dois eléctricos que em sentido contrário por ali passavam, ficando com a máquina entalada entre elas, resultando esta ferida muito danificada, e o Ramos ferido no pé direito saindo incólume os 2 passageiros.

Conduzido ao hospital de São José, foi ali pensado, segundo depois sobriamente para o posto do teatro Nacional.

Saúdações à Batalha

Comunica-nos a direção da Associação de Classe dos Empregados do Comércio de Vizela que, ao iniciar os seus trabalhos, votou uma saudação ao nosso jornal,

Vida cara e difícil

Chourico em mau estado

Um operário canteiro, que trabalha nas obras do Alfeite, comprou no Camarão, na taberna de Duarte Mai Vizinho, três chouricos completamente impróprios para consumo, pois que estavam bolorentos, sem nada se lhes apropria.

E destas porcarias que vamos ingrediar, em prejuízo da nossa saúde. De certo o vendedor dos chouricos é capaz de dizer que eles são muito bons.

Depois de amanhã, realiza D. Maria O'Neill, numa das salas da Caixa de Auxílio aos Estudantes Pobres, r/ia Marchal Saldanha, 38, generosamente cedidas, uma conferência sobre mutualismo.

Diário de Notícias e O Século, a qual diz que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, quando das últimas greves, bomba que matou um soldado da G. N. R., venho escrever-lhe, para que faça público no jornal que descreva a agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas, resultando esta ferida muito danificada, e o Ramos ferido no pé direito saindo incólume os 2 passageiros.

Conduzido ao hospital de São José, foi ali pensado, segundo depois sobriamente para o posto do teatro Nacional.

Agressões da autoridade

Hoje, pelatura e meia-lhoras, quando tiver operários, passavam à Travessa da Boa Hora, dirigindo-se para casa, um cabo, acompanhado dum guarda e dum paisano, preguntaram-lhes para onde se dirigiam.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz, trabalhador, que nos mostraram os sinais bem visíveis da agressão.

Responderam os referidos operários que fui eu que deitei a bomba na rua do Bemfimoso, ficando com a máquina entalada entre elas. Abel Cardoso, oficial de sapateiro e Francisco Braz

CONTOS DE «A BATALHA»

UMA NOITE DE AMOR

Caia uma neve gélida, diamantizada no globo pálido dos candeeiros, a neve triste de Paris, que mancha a sua alvor na lama amarelada das ruas. Caia a neve sem fim... E sobre a cidade perde com o seu pesadelo trágico um céu congestionado e rústico.

No passo do boulevard de Strasbourg fazia Arlette sentinela, em busca dum ligação passageira, graças à qual pudesse comprar o pão da dia seguinte. Um resto de dinheiro, tinha-o ela bebido em licores de olvido, na espelhada dum tasqueiro macambuzão, solitário e feroz.

Agora, ia e vinha, maquinamente, com os pobres pésitos a chapinharem na neve derretida, insensível e dispensando o seu sorriso automático aos rios transentes. Perto, cercada dum halo, estridulava fúgicamente, incessantemente, a estação luminosa.

— Vens daí, pequeno?...

O convite dirigiu-se a um soldado de licença, titubante, espinha curvada, aberto de lama...

O rapaz seguiu-a. A lanterna dum hotel próximo escorria sangue sobre o asfalto molhado. Entraram. No misero quarto, onde gravava um falso luxo leproso, à claridade brutal de electricidade, os dois encaravam-se, mas o olhar indiferente de Arlette não se demorava muito nesse freguês tan parecido com os outros que valem de lá. Ele, sim, ele contemplava-lhe ávidamente a cara magreca de garota a tossicar, de olhos acentuados a carvão, contrastando com a palidez do rosto.

Sentia-se de repente fraco diante daquela pobre rapariga, em quem no entanto se resumiam todos os seus desejos retraídos durante os dias atrozes e as noites angustiosas da frente de batalha. Ousaria ele tocar-lhe? Retinha um receio — a timidez dum círiano pobre em presença dum brinquedo de luxo. Ela era tam pequena, tam frágil e tam indiferente, e ele... ele tinha tanto que lhe dizer!...

— Que raio de gajos são aqueles «cabulos»! Não dizem nada, e depois, de repente, desatam a ganhar...

— Ah, filha! disse a «Ruiva», gargarejando os erros, não só contigo. Esta noite fiquei com um, que berrava como um miúdo... Mas não te rales, vamos!... Cá vai á tua!

Vitor BONNANS.

Incêndio a bordo

Hontem de madrugada foram pela telegrafia sem fios pedidos socorros a Lisboa para o vapor português *Fernão Veloso*, dos Transportes Marítimos, o qual, tendo largado anteontem de Leixões com destino aos portos da África Oriental, se lhe manifestara com violência incêndio a bordo, devido a uma fusão de fios, quando navegava a desas das Berlengas.

Recibida a comunicação no posto de Desinfecção partiu imediatamente dali o seu encontro um rebocador transportando a bordo um medico e o enfermeiro Marques.

Dominado a custo o incêndio, foi conduzido naquele rebocador para Lisboa, onde chegou hontem de manhã, o telegrafista Antonio Fernandes Gamba Saramago, de 19 anos, solteiro, natural de Lisboa, filho de Joaquim Fernandes Gamba Saramago e de Maria Gouveia Saramago, e que se achava gravemente queimado por todo o corpo, tendo recebido a bordo os primeiros socorros.

Desembarcado no posto de desinfecção foi num automóvel da Cruz Vermelha transportado ao hospital de São José onde no banco, foi observado pelo dr. Durão, dando depois entrada na enfermaria de Santo António.

O *Fernão Veloso* segue rumo de Lisboa.

Secção de livraria de «A Batalha»

Como os livros da secção profissional foram aumentados pelos editores, em percentagem que ainda hoje desconhecemos, prevenimos as pessoas que desejem adquirir que os seus preços, marcados no nosso anúncio da 3.ª página, são sem compromisso.

VIDA ANARQUISTA

Centro Comunista de Lisboa. — Realiza-se depois de amanhã, ás 21 horas, a sessão geral da 1.ª C. C. para a discussão dos assuntos que preparam a vida do Partido. Convide-se a comparecer todos os camaradas, sócios e não sócios para se apreciar uma moção vinda do Centro Comunista do Porto, a qual deve definir a nossa atitude para o futuro próximo.

— Vai deixar-me! estou a dormir.

Pouco a pouco, ia-se intensificando o dia e os rumores da cidade iam crescendo como maré tempestuosa... Na escada tropeavam passos pesados. A sinfonia das estações, estralada pela alegria dos silvos, empolgou pobre soldado como uma música de encanto mortal.

— Amanhã... sim, amanhã, tenho que lá voltar... E no entanto, eu bem quizera dizer a alguém... Mas ninguém, me quer ouvir, ninguém... Estou só... Estupor de vital!

E o homem soluçava, mastigando febrilmente os lençóis, para abafar os temidos. Era uma dor de criança, uma longamente concentrada, que escava em torrentes de lágrimas e soluções.

— Entio que é isso?... Estás a ganhar?

— Não dizia eu que eles são todos iguais?

— Deixa-nos, é isto que se vê! desatam os a ganhar? Tem piedade!

Ainda assim, a rapariga enterneceu-se, diante das lágrimas desportou-lhe a sensibilidade afrodisíaca. Agarrou-lhe

Os lucros realizados pelo nosso serviço de livraria são exclusivamente aplicados à propaganda. Auxilia-se A BATALHA, adquirindo, por intermédio da nossa administração, os livros e mais publicações que se necessite.

Organizam-se fornecem-se projectos e organamentos de bibliotecas populares, cooperativistas, sindicais, etc.

Sociologia

Adolfo Lima—O contrato de trabalho

Antonelli—A Rússia Bolxevista

Albert—O amor livre

A. C. Santos—A Questão Operária e a Capital

Briand—A Greve Geral

Bucher—Na aurora do Século XX.

Campos Lima—O movimento operário em Portugal

Dufour—O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)

Fraser—Os financeiros, os políticos e a guerra

Etievant—A minha defesa

Emile Pouget—A confederação geral do trabalho

Emilio Oosta—Ação directa e ação legal

Fraser—A Rússia Vermelha

Fabre Ribas—O Socialismo e o comunismo europeu

Grave:

A anarquia—Fins e meios

A sociedade futura

A. C. Santos

Griffiths—A Accão Sindicalista

Guedes—Aos assalariados

Guyan—Ensaio de uma moral

H. Salgado:

A ciência e a religião

Mentiras religiosas

Hamon:

A conferência da Paz e a sua obra

A luta da guerra mundial

Psicologia do militar profissional

Psicologia do socialista-anarquista

Socialismo e Anarquismo

Krapotkin:

A conquista do pão (2 vol.)

Em volta dum vida

Os 6 anos da 2.ª série (1916 a 1919) 1400

166 páginas

FOTOGRAFURAS (em papel couro) de Bertrand, Bertrand, S. L. e S. L. 1000

Postais de Lepine e Trotsky (2 vol.) 1000

O 6º (Maio) Comemorativo do 1.º de Maio de 1919 1000

Algebra de 700 (2 vol.) 100

Oporto Oil Company

(EM ORGANIZAÇÃO)

S. A. R. L.

CAPITAL 10.000 contos, podendo ser elevado a 100.000

(Emissões em séries de 5.000)

Séde provisória:
Rua de Belomonte, 73.

End. telegrafico:
CARBUR
PORTO

REFERENCIAS:

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Nossos banqueiros e acionistas

Em vista do acolhimento que temos tido, resolvemos que o capital pudesse ser elevado a **100.000 contos**.

Importação e Exportação

Os lucros ficam no País.

Navios próprios.

Edifícios próprios.

Delegações no estrangeiro.

Agências em todo o país, ilhas e colônias.

Importadores de Petroleo, Gazolina, Oleos Lubrificantes, Drogas e Produtos Químicos, Ferro e todos os metais

Exportadores de todos os produtos continentais e coloniais.

Tendo chegado ao nosso conhecimento que, em varios pontos do país e especialmente em Lisboa, muitas pessoas desejam ainda fazer a sua inscrição; sendo-nos manifestado pelos nossos correspondentes a impossibilidade material de tempo para percorrerem a província nos curtos prazos que fixamos e não desejando esta Companhia que os interessados nas matérias a explorar e aqueles que com simpatia veem a criação da nossa empresa como uma necessidade nacional, deixem de fazer parte da mesma como seus acionistas ou como seus futuros clientes, resolveu abrir a

Subscrição ao público:

Sómente para 30.000 acções de 100\$00 cada uma

(Sujeito a rateio)

Os acionistas terão direito a dividendo por duas fórmulas:

O 1.º na proporção das compras que tenham efectuado na Companhia.

O 2.º na proporção do capital que representarem como acionistas, ficando a estes garantido um dividendo nunca inferior a 6 010 ao ano.

A subscrição ao público está aberta:

Hoje e dias seguintes

Com encerramento no próximo

Sabado, 31 do corrente

(Depois deste dia não tem lugar qualquer pedido de inscrição)

EM LISBOA:

Rua da Madalena, 48, 1.º Ex.º Sr. Alvaro Lavandeira, Telef. C. 3995

Rua de S. Nicolau, 50 e 52 Ex.º Srs. Costa & Coelho, antiga firma José da Costa & C. Suces. Telef. C. 3º02

NO PORTO:

Rua Infante D. Henrique, 31, 1.º Ex.º Sr. Alberto Magalhães, Telef. 949

Rua de Belomonte, 73 Sede provisória da Oporto Oil Company

Fórmula de pagamento:

No acto da subscrição	25\$00
Em 16 de Agosto	25\$00
Em 15 de Setembro	50\$00
Total	100\$00

As pessoas da província que desejem subscrever-se, queiram ter a bondade de dirigir os seus pedidos pelo correio, directamente, á sede provisória da OPORTO OIL COMPANY

RUA DE BELOMONTE, 73 - PORTO